



TODO MUNDO
AQUI VAI
MORRER
UM DIA

EMILY AUSTIN

“HUMOR, SABEDORIA E SENSIBILIDADE BRILHAM EM CADA PÁGINA.”
— SARAH HAYWOOD, AUTORA DE *SUSAN NÃO QUER SABER DO AMOR*.

Todo mundo aqui
vai morrer um dia



EMILY AUSTIN

TUDO MUNDO
AQUI VAI
MORRER
UM DIA

Tradução: Luiza Marcondes



Copyright © 2021 Emily Austin

Copyright da tradução para Língua Portuguesa © Luiza Marcondes, 2025 pela Cultural Livros e Editora Ltda. (Astral Cultural).

Publicado em acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster, LLC.

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Editora Natália Ortega

Editora de arte Tãmizi Ribeiro

Coordenação editorial Brendha Rodrigues

Produção editorial Manu Lima e Thais Taldivo

Preparação Alexandre Magalhães

Revisão de texto Wélida Muniz e Carlos César da Silva

Capa e ilustração de capa Kelli McAdams

Ilustração verso Adobe stock

Livro digital Lucas Camargo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A951t Austin, Emily

Todo mundo aqui vai morrer um dia [recurso eletrônico] / Emily Austin ; tradução de Luiza Marcondes. — São Paulo, SP : Astral Cultural, 2025.

1.5 mb; epub

ISBN 978-65-5566-626-7

Título original: Everyone in this room will someday be dead

1. Ficção canadense 2. LGBTQIAPN+ I. Título II. Marcondes, Luiza

25-0983

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção canadense

BAURU

Rua Joaquim Anacleto Bueno 1-42

Jardim Contorno

CEP: 17047-281

Telefone: (14) 3879-3877

SÃO PAULO

Rua Augusta, 101

Sala 1812, 18º andar

Consolação

CEP: 01305-000

Telefone: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralculcultural.com.br

Conteúdo sensível: Este livro contém cenas de ideação suicida, alcoolismo, mutilação e morte por overdose, que podem desencadear gatilhos.

Para Christina e Matthew.

PARTE UM
ADVENTO



Deve ter acontecido uma explosão. Ouço um tinido entremeado com os gritos abafados de uma mulher. Tudo está escuro. Pisco várias vezes.

Escuro. Escuro. Escuro.

Pisco mais uma vez e vejo a luz do sol. A silhueta de um semáforo se forma à minha frente. A luz está verde, mas não me movo. Olho de relance às minhas costas. Uma van de cor bege expelle fumaça do capô amassado. Há vidro estilhaçado por toda a via de concreto...

Agora me lembro. Eu estava prestes a tomar um gole do meu café. Ouvi a buzina, olhei para o espelho retrovisor e vi aquela minivan bater no portamalas do meu carro. Meu airbag explodiu e eu, involuntariamente, dei um soco em meu próprio rosto.

Estou agora coberta tanto com o conteúdo escaldante da minha garrafa térmica, que entrou em erupção, como por uma poeira cinza preocupante que se despreendeu quando o airbag explodiu. Ligo o pisca-alerta e olho mais uma vez pelo espelho. A mulher saiu aos gritos da van. Está avançando até mim, os passos apressados.

Sou sufocada pelo cheiro do meu falecido café, que agora ressuscita na forma de manchas no estofamento do carro e de queimaduras em meu peito. A luz do sol brilha diretamente em meus olhos; e continuo a ouvir o tinido. Fecho os olhos e foco a escuridão atrás de minhas pálpebras.

A mulher bate com os nós dos dedos em minha janela, mas eu mantenho os olhos apertados. Tendo a chorar quando estou sobrecarregada. Continuar com os olhos fechados talvez me impeça de sucumbir a essa tendência humilhante.

— Ela não está abrindo os olhos! — A voz abafada da mulher guincha do outro lado da minha janela.

— Está morta?

Mantenho os olhos fechados, mas aceno com um braço para demonstrar que estou viva.

— Por que está com os olhos fechados? — ela pergunta. — Achei que eu tinha te matado!

Será que essa mulher pensa que todo mundo fecha os olhos quando morre?

— Consegue me ouvir? — Ela bate mais uma vez no vidro.

No lugar de explicar a ela que estou fechando os olhos para evitar chorar em público, ou expô-la às sombrias verdades da morte com olhos arregalados, decido que a coisa mais fácil a se fazer no momento é abrir os olhos.

Luz branca inunda minha visão.

— Ah, meu bem. — Ouço a mulher dizer, sua voz apaziguadora, quando lágrimas começam a se atirar do penhasco de meu nariz.

— Estou bem — eu minto.

• • •

Aos dez anos, encontrei o cadáver da minha coelhinha de estimação. Eu planejava dividir minha maçã com ela. Em vez de compartilhar um momento e a fruta com meu bichinho, me vi cara a cara com seu corpo sem vida. De olhos bem abertos. Morta.

• • •

— Está tudo bem? Você está sangrando, sabia?

Aproximo o rosto do espelho retrovisor e encaro meu reflexo. Meu nariz está sangrando. Meu momento com o espelho também revela que estou com os olhos vermelhos e a pele pálida e aquosa; é possível, porém, que estes males já me afligissem antes do acidente. Não tenho olhado muito para espelhos ultimamente.

— E seu braço... — A mulher faz um gesto na direção dele.

Baixo os olhos e descubro que um dos meus braços está caído no meu colo, em um ângulo anormal. O impacto do airbag ou o quebrou, ou o deslocou.

• • •

Apesar de tanto meu carro como meu braço estarem quebrados, estou dirigindo sozinha para o pronto-socorro. Decidi não envolver uma ambulância porque não gosto de ser alvo da atenção alheia. Preferiria ser atropelada por outra van do que me ver cercada por socorristas encostando em mim dentro de um veículo tão chamativo.

Meu pé pressiona o acelerador com tanta delicadeza que praticamente não avanço. Estou me arrastando pelas ruas, o airbag dependurado do volante como se tivesse sido destripado.

Um enorme caminhão branco está colado na minha traseira. O motorista não para de tocar a buzina.

Agarro o volante, ciente de que, se outro carro colidir atrás do meu agora, não terá restado nada para amortecer o golpe.

Olho feio para o caminhão quando ele me ultrapassa, como se fosse um predador me caçando. Seguro firme no volante, intensamente afligida pela realidade de que sou algo vivo, algo que respira, que um dia vai morrer.

Motoristas descuidados podem me aniquilar. Estou presa dentro deste corpo frágil. Poderiam me atirar para fora da estrada. Eu poderia ser massacrada por uma van. Poderia sufocar com uma uva. Poderia ser alérgica a abelhas; sou tão impermanente que um mísero inseto poderia dar um pulinho de uma margarida para o meu braço, me picar, e eu seria eliminada. Escuro. Nada.

Encaro as dobras nas juntas de meus dedos e começo a respirar conscientemente.

Sou um animal: um organismo formado de ossos e sangue.

Analiso as árvores conforme passo por elas, o carro se arrastando pelas ruas. Faço isso para ocupar a mente com pensamentos não relacionados à minha própria e frágil mortalidade.

Aquele é um pinheiro.

Um bordo.

Outro pinheiro.

Abeto.

Minha morte, e a morte de todas as pessoas que amo, é inevitável.

Mais um pinheiro.

• • •

Me dirijo à mesa da recepção e me posiciono no centro de seu campo de visão. Pacientemente, aguardo que ele erga os olhos de sua papelada para me cumprimentar. Leio os pôsteres colados na parede atrás da mesa, para parecer ocupada e me distrair do fato de que cada momento que passa me aproxima de meu destino final. (A morte.)

Um pôster é intitulado: O VÍRUS DO PAPILOMA HUMANO! É o uso peculiar do ponto de exclamação que chama minha atenção. A modelo

contratada para posar no pôster sorri de forma tão agressiva que consigo ver cada um dos dentes enormes dela. Estou encarando seus olhos radiantes, me perguntando como poderia alcançar a felicidade também. Viver uma vida sem o peso do medo de pegar HPV resulta naquele nível de euforia? Se sim, podem mandar ver.

— Qual o problema hoje? — o enfermeiro me pergunta, por fim.

Quero dizer que meu problema talvez seja que ainda preciso tomar a vacina contra HPV; contudo, já estava recitando mentalmente o que falar, então informo:

— Acabei de ter um pequeno acidente de carro.

— O quê? — Ele ergue os olhos para mim, surpreso. — É verdade?

— Sim.

— Ah, querida. Você está bem?

É uma pergunta estranha, penso eu. Minha presença como paciente em potencial neste pronto-socorro deixa subentendido que não estou bem.

Apesar de achar a pergunta estranha, digo a ele:

— Sim, estou bem. — Acrescento: — Bom, acho que talvez tenha quebrado o braço, mas, no geral, estou bem. E você, como está?

Ele fica em pé para observar meu braço. Então me encara e estreita os olhos.

— Você parece bem mais calma do que costuma estar quando vem aqui.

Falhando em moldar uma resposta mais eloquente, gaguejo:

— O-obrigada.

Agora compelida a afastar a conversa de minha falta de compostura habitual, decido que é o momento para compartilhar:

— Também gostaria de ser imunizada contra HPV, por favor.

• • •

Enquanto aguardo meu número ser chamado, me ocupo tecendo diagnósticos amadores de todos que estão na sala de espera, com a condição da qual imagino que estejam sofrendo.

Aquele homem está com gripe.

Aquela moça tem câncer.

Aquele menino está fingindo.

Tendo completado minha análise de todas as pessoas no ambiente, ouço uma voz familiar gritar:

— E aí?

Pela visão periférica, vejo uma enfermeira acenando para mim.

Finjo que não a vejo. Ajo como se estivesse muito focada nos azulejos do chão.

Não intuitiva o bastante para perceber que não quero ser abordada, ela grita mais uma vez:

— Oi!

Aperto meus molares e ergo os olhos para a enfermeira.

— Bom te ver! — ela berra.

Dou um sorriso fraco.

— É bom te ver também, Ethel.

Ela retribui o sorriso enquanto outro enfermeiro, cujo nome é Larry, caminha em sua direção. Larry também leva os olhos até mim. Ele acena.

— Por aqui de novo, é?

Assinto.

— Você trabalha aqui ou coisa assim? — A paciente sentada ao meu lado bisbilhota.

— Não — respondo, no mesmo momento em que Frank, um dos zeladores do hospital, aponta para mim e exclama:

— E aí, garota!

• • •

Estou sendo questionada antes de poder falar com a médica.

— Está tomando alguma medicação?

— Não. Bom, tenho tomado bastante vitamina D ultimamente.

Quando estive no pronto-socorro na semana passada, me disseram que não havia nada de errado comigo e que eu deveria pensar em tomar um suplemento de vitamina D.

— Só vitamina D? Nenhuma outra medicação?

— Não.

— Sua família tem algum histórico de problemas cardíacos?

— Não.

— Existe alguma chance de você estar grávida?

— Não.

A enfermeira aperta os lábios enquanto anota minhas respostas. Interpreto seus lábios apertados como indício de que estou sendo julgada. Eu respondi que não uso nenhuma medicação, o que significa que não tomo anticoncepcional, e também respondi que não há chances de estar grávida, sugerindo, conseqüentemente, que é provável que eu seja celibatária. Não é verdade. Só sou lésbica e, portanto, abençoadamente livre do perigo da gravidez.

— Nenhuma chance? — ela repete.

— Não — digo, observando seus lábios se apertarem mais uma vez.

• • •

— Talvez isso doa um pouquinho — a médica me alerta.

— Tudo bem. — Eu assinto.

Ela move meu braço com rapidez. Um estalo desconcertante se faz ouvir.

A enfermeira na sala ergue as sobancelhas para mim, impressionada.

— Nossa, você nem se mexeu. É muito corajosa — ela diz.

— Obrigada. — Balanço a cabeça.

Eu não me mexi porque não senti nada. Porém, não vou admitir isso, porque prefiro impressionar a enfermeira com minha coragem. Também prefiro fingir que sou corajosa porque suspeito que deveria ter sentido dor, e não sentir talvez seja sintoma de algum problema médico muito maior.

A enfermeira está me encarando.

— Você está bem? — ela pergunta.

— O quê? — Olho para ela.

— Está tudo bem? — ela me pergunta mais uma vez.

— Ah. — Assinto. — Sim, estou bem.

• • •

Já quebrei o braço uma outra vez. Estava na quarta série. Fiz uma manobra acrobática arriscada no trepa-trepa e afundei na brita sob o parquinho, tal qual um pássaro que levou um tiro. Fiquei lá, caída no chão, vendo os rostos dos meus colegas de classe abismados se aglomerarem ao meu redor.

Sempre odiei ser o centro das atenções. Apesar de meu braço estar quebrado e apesar da dor, que eu classificaria como atordoante, garanti a todo mundo que estava bem até que se dispersassem.

Eu não estava bem. Tinha fraturado dois ossos do braço.

• • •

— Vou precisar que você fique de olho para o caso de surgir alguma vermelhidão ao redor do gesso — a médica instrui.

— Certo. — Eu assinto.

— E se seu braço estiver quente, ou se ficar com febre, volte ao pronto-socorro, tudo bem?

— Entendido. — Assinto novamente.

Ela folheia alguns papéis em sua prancheta.

— Vejo que você tem vindo bastante ao hospital nos últimos tempos. Tem se queixado de dores no peito e problemas de respiração. É uma questão persistente?

— Sim — respondo. — Sinto bastante apertos no peito.

— Me parece que você está tendo crises de ansiedade — ela me diz. Então, baixa os olhos para a prancheta e fala: — Posso fazer um encaminhamento para um psiquiatra.

Sempre fazem encaminhamentos para psiquiatras. Eu nunca tenho notícias depois.

— Nesse meio-tempo, já considerou tomar um suplemento de vitamina D?

• • •

— Você consegue vir buscar na quarta-feira? — a farmacêutica me pergunta depois que entrego a ela minha receita de analgésicos.

— Quarta-feira? — repito.

— Sim. — Ela assente. — Fica bom para você?

— É daqui a três dias — comento.

Ela franze o cenho.

— Não é, não. É amanhã.

— Ah, é — vacilo. — É mesmo. Desculpa, eu ando dormindo muito ultimamente. Tem afetado minha noção do tempo.

Ela franze o cenho outra vez.

Aperto os dedos dos pés dentro dos sapatos. Não sei por que compartilhei aquilo.

— Tenho me sentido doente — me apresso a mentir. — Lutando com um resfriado feroz, por isso ando dormindo demais...

Me dou conta, enquanto crio esta mentira, que aquela mulher é uma profissional da saúde e, portanto, pode ser capaz de pressentir quando as pessoas fingem estar doentes, de alguma forma.

— Mas agora estou muito melhor — digo, para anular a mentira.

Em um tom que não expõe absolutamente nenhuma sinceridade, ela fala:

— Fico muito feliz em ouvir isso.

• • •

— Alô? — Me atrapalho para atender o celular.

O dia está ensolarado. O brilho da tela do meu celular está baixo demais para que eu consiga ler o identificador de chamadas.

— Você está me ignorando? — a pessoa que ligou questiona.

Constato que é Eleanor que está ligando. É a garota com quem estou saindo.

Em vez de responder “não”, como eu tinha planejado, minha língua tropeça em si mesma, e não produzo som algum.

— Alô? Está aí?

— Sim, desculpa — me forço a falar.

— Por que não me respondeu? Eu vejo quando você lê minhas mensagens, sabia? Não é muito legal me ignorar...

— Desculpa — eu repito. — Tem como a gente falar disso mais tarde? Acabei de ter um pequeno acidente de carro e...

— O quê? Você está bem?

— Não sei — confesso. — Estou tentando entender os ônibus.

Meu carro está sendo guinchado até meu apartamento.

— Você sabe como chegar na minha casa partindo do posto de gasolina na rua Alma? — Estreito os olhos para ler a placa amarela do ponto de ônibus acima da minha cabeça. — Acha que eu pego o 94 ou o 97?

— Você não sabe se está bem?

— Bom, não, para ser sincera, não sei. Tenho sentido um cansaço fora do normal ultimamente. Não importa o quanto eu durma, continuo acordando exausta. Acho que talvez eu esteja com algum tipo de desequilíb...

— Não — Eleanor me interrompe. — Por causa do acidente de carro, eu quis dizer.

— Ah. Sim, estou bem. Estou mais preocupada em ter alguma deficiência de vitaminas, na verdade. Acho que preciso de mais cálcio ou algo do tipo. Tenho me sentido muito fraca, com a cabeça atordoada. Você bebe bastante leite?

• • •

Um idoso frágil me oferece seu assento no ônibus.

— Não posso aceitar — digo a ele.

— Sente, sente — ele insiste.

Nego com a cabeça.

— Não, obrigada, é gentil da sua parte, mas estou bem.

— Você está machucada. — Ele aponta para o meu gesso recém-colocado. — Por favor, estes assentos são reservados para pessoas como você. Insisto que se sente.

Olho de relance para o adesivo sobre o assento, que mostra uma mulher grávida e um homem idoso com uma bengala. Não sou nenhum dos dois: sou uma mulher de vinte e sete anos sem chance alguma de estar grávida. Eu me consideraria a passageira de prioridade mais baixa neste veículo. Estou com um ferimento leve, em uma parte do meu corpo que não influencia na complexidade de se andar de ônibus.

Em vez de explicar tudo isso, aceito o assento, relutante. Digo “obrigada” quatro vezes ao senhor.

— Obrigada.

— Obrigada.

— Obrigada mesmo.

— Muito obrigada.

Toda vez que o motorista freia, o homem cambaleia. Fico nervosa, achando que ele vai acabar caindo de vez. Eu o imagino perdendo o equilíbrio e sendo arremessado até o outro lado do ônibus. Penso que pessoas mais velhas têm ossos frágeis e porosos. Penso que, para pessoas mais velhas, quedas podem ser fatais. Começo a me imaginar indo ao funeral daquele homem.

Estou vestida toda de preto.

Estou contando aos entes queridos dele que ele morreu por minha causa.

— É tudo culpa minha — eu explico.

• • •

Desci do ônibus dois pontos mais cedo para que o velhinho pudesse voltar a seu lugar. As portas do ônibus se abriram em frente a um café. Em vez de ir diretamente para casa, entrei no estabelecimento.

Pedi um copo grande de leite, e a funcionária do café me pediu para “escolher um assento, por favor”. Achei um pedido peculiar, já que não escolhi nenhuma bebida que levasse muito tempo para ser preparada.

Em vez de questioná-la, simplesmente fui me sentar.

Passei alguns momentos pensando por que ela teria me pedido para me sentar. Então comecei a me perguntar por que importaria para mim o fato de ela ter pedido que eu me sentasse. Por que eu precisaria saber qual a lógica dela? Por que não posso apenas confiar que as pessoas ao meu redor têm suas justificativas para seus pedidos, para seu comportamento? Por que não posso ser igual a um cachorro e me sentar quando pedem isso de mim, sem ficar pensando no motivo?

Dou uma olhadinha para a pequena aglomeração que me cerca. Talvez todos sejamos iguais a cachorros. Todos aqui estão esperando por suas bebidas como animais adestrados. Baixo os olhos para minhas mãos e, em seguida, para as mãos das pessoas à minha volta. Essas são nossas patas. Somos criaturas.

Minha perna treme, inquieta.

Abro o aplicativo de notícias no meu celular, para me distrair. Começo a deslizar o polegar, passando pelas reportagens.

Houve um tiroteio em uma escola na quarta-feira passada.

Várias celebridades foram pegas agredindo sexualmente outras celebridades.

As geleiras estão derretendo.

Tartarugas marinhas estão em extinção.

Decido evitar a página de notícias populares. Clico em um artigo intitulado: JEITOS ESTRANHOS COM QUE PESSOAS MORREM.

Lottie Michelle Belk, cinquenta e cinco anos, foi perfurada fatalmente por um guarda-sol de praia levado por um vento forte.

Hildegard Whiting, setenta e sete anos, morreu por sufocamento causado por vapores de dióxido de carbono produzidos por quatro térmicas de gelo-seco em um carro de delivery do sorvete Dippin' Dots.

— O que aconteceu com seu braço? — Uma garotinha puxa a manga do meu casaco.

— Tive um pequeno acidente de carro — explico ao desviar os olhos de um artigo a respeito de um homem e uma lâmpada de lava. O homem não conseguia fazer a lâmpada funcionar, então colocou-a no forno e o ligou em fogo baixo. O líquido na lâmpada começou a se mover e borbulhar antes de superaquecer e explodir. A lâmpada estourou e a cera colorida, o fluido cristalino e o vidro estilhaçado dispararam pelo cômodo. Um caco de vidro se fincou no peito do homem, furou seu coração e o matou. Todos os comentários no artigo perguntavam o que tinha levado o homem a conduzir um experimento tão descabido, mas eu já coloquei uma lâmpada no micro-ondas quando era adolescente, por pura curiosidade. Compreendo que a linha de raciocínio humana pode descarrilar. É trágico o fato de aquele homem ter morrido, bem como é trágico que sua tentativa improvisada e idiota de se divertir tenha saído pela culatra de forma que agora vai definir quem ele foi.

Me pergunto se será minha morte que vai definir quem eu sou.

— Posso assinar o seu gesso? — a criança puxando meu casaco pergunta.

Olho para as unhas dela incrustadas de sujeira, depois para o rosto cor-de-rosa e cheio de baba.

— Claro — respondo, embora tivesse preferido que ela não tocasse em mim.

Fico parada, uma mártir pela felicidade daquela garotinha, enquanto ela desenha com caneta vermelha por todo o meu gesso novinho. Ela não para de riscar minha pele e minhas roupas sem querer.

Quando a garota termina, pergunto o que foi que ela desenhou, e ela me diz que é um cachorro. Baixo os olhos, examino o que parece ser um pênis com olhos e suspiro.

A funcionária do café grita meu nome; eu me levanto.

Ela me entrega algum tipo de vitamina, e eu a aceito, sem sinalizar que ela deve ter me entendido mal quando fiz o pedido.

Devo ter falado baixo demais.

• • •

Acho que sou alérgica ao que quer que houvesse naquela vitamina. Minha língua parece duas vezes maior do que deveria estar.

— Devo ter jogado pedra na cruz — resmungo em voz alta, esfregando os olhos com a beirada do gesso.

Alguém toca em meu ombro.

Ao me virar, fico boquiaberta ao me deparar com uma senhora com o rosto emoldurado por um hábito. Me sobressalto, já que não esperava ficar cara a cara com uma freira.

Não sou religiosa, mas ainda assim não teria escolhido falar de “jogar pedra na cruz” na frente de uma idosa devota caso soubesse que ela estava próxima o bastante para me ouvir.

A mulher abre um grande sorriso.

— Você está bem, querida?

— *Esdou* bem — respondo. Minha língua inchou tanto que agora estou com dificuldades para falar.

— Você parece frustrada com alguma coisa — ela comenta.

— Ah, não, *esdou* bem — repito, sorrindo sem sinceridade.

A senhora retribui meu sorriso.

— Posso te oferecer um folheto da igreja?

Ela me entrega um papel dobrado amarelado.

• • •

Preciso começar a recolher a louça suja em meu quarto. O copo da vitamina que bebi mais cedo está no topo de uma pequena pilha de xícaras, pratos e tigelas. Empilhar a louça traz mais ou menos a mesma sensação de construir um castelo de blocos: cada peça que acrescento é um risco. Em algum momento, o castelo vai entrar em colapso.

Pensar em lavar a louça é bem parecido com pensar em sair para correr.

Vou deixar para amanhã.

• • •

Comprei as últimas três edições do *Guinness World Records* antes de ser demitida do meu trabalho na livraria. Fiz isso pensando que poderia devolvê-las depois que tivesse lido. Era minha alternativa preguiçosa à

biblioteca. Agora não posso devolver nada sem confrontar meu antigo chefe, que acha que sou desonesta e irresponsável. Me preocupo pensando que, se eu tentasse devolver esses livros, ele simplesmente me acusaria de tê-los roubado.

Eu era uma funcionária ruim. Acordar é difícil para mim, então eu raramente chegava no horário. Muitas vezes, perdia turnos inteiros. Tampouco acho que agregava muito quando estava presente. Não tenho a personalidade certa para trabalhar com clientes. Certa vez, uma cliente me perguntou se eu era mesmo uma funcionária da loja ou só três gambás vestindo um sobretudo. O comentário me deixou tão confusa que a cliente precisou explicá-lo a mim. Ela me disse que gambás são notoriamente assustadiços. Eu respondi:

— Mas e quanto ao sobretudo? Não estou usando sobretudo nenhum. E gambás não são meio pequenos? Eu não devia ser uns cinco ou seis gambás vestindo um sobretudo, se estivesse usando um sobretudo?

A cliente reclamou de mim para o meu chefe, que me fez sentar na salinha dos fundos e ouvi-lo dar um sermão sobre os cinco pilares do bom atendimento ao cliente. Fiquei tão distraída com o nível do ardor dele pelo assunto que não consegui absorver nada do que foi dito.

Abro a edição mais recente do *Guinness World Records*. Folheio suas páginas lustrosas. Leio que o humano mais velho a viver chegou a 122 anos de idade. Era uma mulher chamada Jeanne. Ela morreu na França.

Toco meu cabelo oleoso, viro a página e me pergunto se existe um recorde para o maior período que alguém passou sem tomar banho.

• • •

Meu coração está batendo mais rápido do que o de um coelho açoitado por uma raposa. Estou de pé em frente à pia do meu banheiro, repetindo para mim mesma que estou bem.

Estou bem.

Parece que tem alguém sentado em cima do meu peito, mas eu estou bem.

Abro meu frasco de vitamina D, jogo dois tabletes na boca e mastigo.

— Isso deve me curar — digo em voz alta, conscientemente iludida.

Não inspiro direito há pelo menos cinco minutos. Nenhum oxigênio alcança meu cérebro.

Eu deveria ir ao hospital, mas toda vez que faço isso me dizem que é só ansiedade.

Isso é só ansiedade? Vale a pena o risco de ser um ataque cardíaco de verdade? E se aquele acidente de carro tiver desencadeado um ataque cardíaco genuíno?

Alcanço meu celular e ligo para um número que já memorizei.

A voz de um homem diz:

— Olá, você ligou para a TeleSaúde. Se estiver passando por uma emergência médica neste momento, por gentileza, encerre a ligação e ligue para o serviço de emergência. Como posso ajudar?

— Oi — digo, sem fôlego. — Estou tendo uma crise.

— Por gentileza, vá ao pronto-socorro.

— Eu já fui lá muitas vezes — explico, arfando. — As enfermeiras me conhecem pelo nome. Isso não é normal, é? Eu não posso voltar.

— Você já foi lá e foi atendida por um médico?

— Como consigo saber se é um ataque cardíaco ou um ataque de pânico? — Agarro o peito.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todo mundo aqui vai morrer um dia" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).